

DIALÉTICA E TERAPÊUTICA NO FEDRO DE PLATÃO

Maria Carolina Alves dos Santos*

Resumo: o texto vincula alma e corpo, conhecimento intelectual e saúde, paideia e medicina, ao ressaltar a potência dos discursos socrático-platônicos na condução da alma ao vislumbre das Formas: livrando-a do não-saber, propicia um catártico autoconhecimento que culmina no conhecimento do essencial e propicia sua divinização. Operante, inspirada nos processos da medicina hipocrática, a terapêutica dialética usa de todos seus recursos para estimular na totalidade da alma, uma dinâmica terapêutica ao mesmo tempo sensual, moral, metafísica e teológica.

Palavras-chave: alma, dialética, medicina hipocrática, *kátharsis*, *paideía*.

DIALECTICS AND THERAPEUTICS IN PLATO' PHAEDRUS

Abstract: *The text links soul and body, intellectual knowledge and health, paideia and medicine. It highlights the strength of the socratic-platonic discourses in leading the soul to see the Forms curing it thus from not-knowing and supporting self-awareness that culminates in divinization. When in operation, inspired by Hippocratic medicine, the dialectic therapy puts all its resources into practice to stimulate, within the entire soul, transforming dynamics which is sensual, moral, metaphysical, and theological at the same time.*

Key-words: *soul, dialectic, Hippocratic medicine, kátharsis, paideía.*

* Maria Carolina Alves dos Santos (mainasantos@terra.com.br).
Faculdade de Filosofia São Bento (FSB, Mosteiro de São Bento, SP).

Maria Carolina Alves dos Santos

“o caráter específico da filosofia platônica é a orientação para mundo intelectual, o supra-sensível, é a elevação da consciência ao reino espiritual; o intelectual obtém assim a figura do supra-sensível, do espiritual que pertence ao pensar; nesta figura ele adquire importância para a consciência, é introduzido dentro da consciência, a qual se enraíza firmemente neste solo” (HEGEL, 1972: p. 390).

1. A função catártica dos belos discursos

Considere-se a questão da natureza da alma o centro ao redor do qual gravita o pensar platônico, movendo-se segundo cânones da arte dialética; e, por decorrência, também o de todo filósofo autêntico, cuja ψυχή, de origem imortal e supra-terrestre destina-se à divinização (*Leis* 859b). Por essência, ele é “amante do teatro da verdade”¹, dos vislumbres das Formas, espetáculo de triunfante brilho do que existe sempre e é divino². Sendo-lhes aparentado, converge o olhar para a real vastidão do absoluto, sonda-a com profundidade e, mediante as ressonâncias da contemplação, recupera a memória de sua primordial condição. O exercício proporciona clarezas novas: em sua luminosa aparição, a dimensão divina apresenta-se com máxima pureza, e a dialética, arte catártica (V. GOLDSCHMIDT, 1963: pp.105-117) que transmuta a alma, gera a virtude intelectual indispensável à visualização do que em si mesma é, um ser também divino³: o movimento em direção à interioridade é condição para a ascensão da alma para as Formas.

¹ *Rep.* 475e: τοὺς τῆς ἀληθείας, ἧν δ' ἐγώ, φιλοθεάμονας.

² *Rep.* VI, 485b: τῆς οὐσίας τῆς αἰεί οὐσης... A forma nominal oujativa adquire valor “existencial” se empregado com αἰεί: é eternamente. V. *Teet.* 184b, *Ba* 212a; *Fedro* 247c-248c, *Féd.* 80b.

³ *Féd.* 66e-67a. A purificação decorrente da dialética é moral e intelectual: a ascense do espírito supõe a dos costumes, e a virtude suprema é ciência obtida pela contemplação do Justo, do Belo e do Bem (A. J. FESTUGIÈRE. *Contemplation et Vie contemplative selon Platon*, p. 149.)

1.1. O incomparável terapeuta

É na alma que males e bens para o corpo e o homem todo têm seu ponto de partida (*Carm.* 156e), e se temível é possuí-la enferma, injusta, inimiga da lei divina, a ela se endereçarão os principais cuidados. Os belos discursos a reordenam moderando-a (*Rep.* 479b): a ἐποδὴ terapêutica, cuja ação incantatória não se limita a argumentação racional, atua por vezes sobre suas fibras mais sensíveis pela ação mágica do mito, desencadeando persuasões e crenças eficazes na produção da σωφροσύνη (*Rep.* 457a). A palinódia proferida por Sócrates no *Fedro*, sob inspiração divina, caracteriza a intenção catártica do mito. Advertido por seu δαίμων, da falta cometida contra Eros num primeiro discurso, será imperativo redimir-se com outro, purificando ainda a alma do belo interlocutor (242c- 243b), fascinado pelo panegírico de Lísias ofensivo à divindade.

Sócrates e Platão ao discursar revelam-se autênticos? ἐποδοε, cujos argumentos atuam para a purificação de quem os segue com disponibilidade e perseverança⁴. A movimentação dialética ordena as potências da alma, engendrando saúde, beleza e virtude (*Rep.* 444d –e): resultantes da ascensão filosófica suprimem as fronteiras entre deuses e homens, os quais, pela similitude de essência são integrados à pura raça divina⁵. A ἐποδὴ é terapêutica eficaz quando a alma “enferma” se abre à força curativo-transformadora dos belos discursos e esse consentimento, condição do êxito da operação catártica, ocorre em função dos dons incontestáveis do terapeuta. Sócrates, exímio nessa medicina por

⁴ A dieta de “incantações” ora consiste em mitos elaborados para agir sobre a sensibilidade, inspirando certos sentimentos e afastando outros (*Féd.* 77e-78a, 114d), ora em um questionamento de tipo socrático (*Carmid.* 157a-c), sempre com fins racionais quando a demonstração se mostra inoperante. (P. BOYANCÉ. *Le Culte des Muses*, pp.156-159; E. R. DODDS. *Os Gregos e o Irracional*, p. 244, n.726; P. L. ENTRALGO. *La curación por la palabra en la antigüedad clásica*, p. 141).

⁵ *Teet.* 176a-177e. A. JAGU. Souillure et Pureté dans la pensée grecque, p. 49

Maria Carolina Alves dos Santos

seus invencíveis discursos encadeados com rigor, segundo o preceito geral proposto no *Fedro* – “saber quantos são os aspectos da alma” (*Fedro* 271a) – os amolda fielmente à índole e ao estado de cada uma delas:

“Um ensinamento sério (σπουδή) sobre a arte oratória começará por descrever a alma com exatidão, e por fazer ver se, por natureza, ela constitui coisa una e homogênea ou se, à maneira do corpo, é multiforme”⁶

O dialético, sob as luzes da divindade que fala nele (ou por ele - *Teet.* 150d), exerce com maestria a arte de perguntar e responder (*Crat.* 390b). A genialidade socrática revela-se em sua maiêutica purificadora, que livra a alma do falso saber, submetendo-a a interrogatórios sem tréguas, em razão dos quais certezas mal fundamentadas não ficam intactas. Ao indagar “o que é” algo e rebater as respostas obtidas, cria o “vazio” aporético que a disponibiliza, mediante a ascensão às ἀρεταί em si e por si, a conceber o ser real (E. PACCI, 1971: p. 25).

1.2. Παιδεία e medicina

A mais perturbadora enfermidade da alma, a ἀμετρία – desordem entre apetites, crenças, sentimentos e saberes que a estruturam⁷ – quando exposta ao fogo purificador dos λόγοι καλοὶ e vigorosamente aguilhoada com indagações e refutações de agentes catárticos (καθαρμοὶ) vivos, os autênticos dialéticos, a

⁶ πρῶτον πάση ἀκριβείᾳ γράφει τε καὶ ποιήσει ψυχὴν ἰδεῖν, πότερον ἓν καὶ ὅμοιον πέφυκεν ἢ, κατὰ σῶματος μορφήν, πολυειδές. As grandes artes baseiam-se em pesquisa e meditação sobre a natureza, donde vem sua perfeição e elevação (*Fedro* 270a).

⁷ *Sof.* 228 a-d, 229d-250d, *Rep.* IV 444d, *Tim.* 87d.

Dialética e Terapêutica no Fedro de Platão

discórdia dá lugar à σωφροσύνη. Essa eimétrica é hierárquica, a parte racional, de maior valor por natureza, prevalecerá sobre prazeres e apetites sensíveis⁸: o objeto da arte argumentativa é orientá-la na direção da suprema norma⁹, operar a principal κάθαρσις, a que desbloqueia sua fusão com o divino¹⁰.

A ação do método da ciência médica sobre a filosofia de Platão é paradigmática. Enquanto inédita maneira de pensar o homem, dela derivam as mais fortes características terapêuticas de sua paideia para reduzir a impureza humana¹¹. Se o médico, baseado num saber sobre a natureza do corpo, reconduz o enfermo ao estado normal; o filósofo, mediante seus raciocínios sobre a natureza da alma e a potência curativa de seus λόγοι, restitui-lhe a “saúde” (W. JAEGER, s/d., p. 966), a potencialidade de divinizar-se.

1.3. A ordem da φύσις

No *Fedro*, a indagação acerca da boa e má escritura se detém, a certa altura, em criteriosa explicação a respeito das ligações estreitas entre autêntica retórica – força persuasiva sujeita aos procedimentos da dialética – e medicina hipocrática, evidenciando empréstimos metodológicos, temáticos e terminológicos, dela efetuados (270b-d)¹². Diz Sócrates que, em ambas, é preciso analisar a natureza, primeiro do corpo, depois da alma e recorrer à τέχνη

⁸ *Leis* 726a, *Rep.* IV, 430e-431a.

⁹ *Rep.* 518c. Para W. JAEGER, a posição que a filosofia platônica ocupa na história dos sistemas do filosofar grego se deve ao fato de ser uma paideia: aspira a equacionar a questão da formação do homem (*Paideia*, p. 550).

¹⁰ O médico platônico Quirón considera a filosofia uma jēpōdhv benéfica (*Ep.* 3,6, p. 196, H).

¹¹ *Górg.* 464b, 465b, 465a, 501a.

¹² O sofista Górgias, no *Elogio de Helena* (§ 14), faz aproximações entre retórica e medicina, e aborda o tema da ambigüidade do φάρμακον. Platão as retoma em seu *Górgias*, explora as oposições existentes entre elas atenuando-as depois no *Fedro*, por meio da dialética (*Górg.* 464b-465a, 501a; A. DIÉS. *Autour de Platon*, t. II, p. 415, t. I, p. 122).

para ministrar remédio e alimento (φάρμακα καί τροφήν) que produzem saúde e vigor (ύγίειαν καί ρώμην) ao corpo; propósito e ocupações segundo a regra¹³ e, assim, comunicar convicção e excelência (βούλη καί ἀρετήν) necessárias à alma. Inspirado no procedimento hipocrático, que define o conceito de saúde a partir da perfeita conjugação entre as partes e o todo na natureza do universo (φύσις τοῦ παντος)¹⁴, Platão fixa normas para a boa composição (“a escritura que é decente”) e o método que a produz.

Seguindo a ordem da fuvsii” humana – Platão usa uma metáfora biológica como regra fundamental para uma obra de arte dialética – o belo discurso deve ser como (ὡσπερ) um organismo vivo (ζῷον), em cuja constituição (nele não faltam cabeça, pés, meio e extremos) as partes mantêm perfeita harmonia entre si (ἀλλήλοις) e em relação ao todo (καί τῷ ὅλῳ)¹⁵: terá começo, meio e extremidade, por oposição ao disforme discurso de Lísias que inicia pelo fim¹⁶. O belo discurso flui da ascensão dialética, que reúne idéias esparsas num só termo geral (o todo, a forma única, ἰδέαν) cuja culminância (visão de conjunto, συνορῶντα)

¹³ *Fedro* 270b-d: λόγους τε καί επιτηδεύσεις νομίμους

¹⁴ A fórmula hipocrática, que articula as partes ao todo, por sua vez, é influenciada pelo conceito de fuvsii” total, forjado pela filosofia jônica (W. JAEGER. *Paideía*, p. 944 ; P. M. SCHUHL. *Essai sur la formation de la pensée greque*, p. 374). No *Banquete*, Platão se refere a um tratado de medicina em circulação, de autor anônimo e incorporado ao *Corpus Hipocraticum*, que reproduz esse sistema com fidelidade. Elegantemente escrito, argumenta contra a tendência de vincular a medicina a correntes filosóficas em moda. Ataca em particular os que lhe aplicam a teoria dos quatro elementos de Empédocles, definindo a saúde e a doença a partir do equilíbrio, ou não, dos mesmos no organismo. A medicina não encontrará princípios na filosofia, por sua incapacidade de verificar o que ensina na experiência metódica, âmbito próprio da ciência, e que lhe garantiu o lugar hoje ocupado entre as outras artes (τέχναι). Apenas a medicina conhece adequadamente a natureza, e a competência do médico reside na aplicação disso, indicando o que é útil ou nefasto à saúde do paciente (D. SCHÜLER. *Eros: Dialética e Retórica*, pp. 47-49).

¹⁵ *Fedro* 264c, *Leis* 752a, *Górg.* 505d.

¹⁶ O modelo do organismo é apropriado na medida em que se constitui numa totalidade única, mas participa do múltiplo por possuir uma pluralidade de partes. No *Parmênides*, Sócrates prova essa pluralidade mostrando a diferença entre o lado direito e o esquerdo, frente e dorso, porção superior e inferior (129c).

Dialética e Terapêutica no Fedro de Platão

postula movimento complementar, de dissecação anatômica desse conceito universal, pondo a nu suas articulações naturais hierárquicas, as partes ou espécies (as εἶδη), sem mutilá-las¹⁷.

A eficácia desse farmakon que facultou saúde à retórica, e que se traduz como adequação dos discursos às leis ao método dialético, se deve em última instância à uma só fonte, a φύσις. Este domínio é governado por uma lei universal, onde não há partes isoladas, onde tudo está em conexão harmônica com o todo eternamente ordenado¹⁸. Para garantir precisão ao discurso filosófico, idéias e palavras serão dimensionadas com o metro da realidade, suas partes, em harmoniosa correspondência, adquirem posição e sentido em relação ao todo, forte liame que impede as coisas de se perderem no fluxo universal (Crát. 418e). É ele o Atlas poderoso e imortal que sustém tudo e o dispõe para o melhor¹⁹, articulando-o numa trama perfeita e totalizadora.

A ordem arquitetônica permanente que preexiste primordialmente na total extensão do real, se manifestará também na regência do pensamento. Sócrates e Platão amam discursos construídos sobre a exata correspondência entre pensamento e Formas, e põem a serviço da formação humana, essa exatidão que suas conversações filosóficas traduzem: ao traçá-las tem como fim a conversão plena da alma (περιαγωγή ὅλης τῆς ψυχῆς)²⁰ para o Bem. A παιδεία consis-

¹⁷ Fedro 265e-266a, Crat. 387a, Polít. 261a-e, 287a.

¹⁸ O sentido da totalidade das coisas é talvez a característica mais típica do espírito grego. Se o moderno divide-se, especializa-se, pensa por categorias; o grego, tem uma visão mais vasta, toma as coisas como todo orgânico, visando a unidade e a ordem no universo (H. D. F. KITTO *Os gregos*, pp. 281 e 324).

¹⁹ Fé.d. 97c, 99c, crítica ao νοῦς de Anaxágoras; em 99d e ss., propõe a verdadeira causa da ordem de tudo.

²⁰ A este tipo de educação se pode usar, com propriedade, a palavra platônica formação (πλαττεῖν), usada pela primeira vez em sentido metafísico aplicada à ação educativa (W. JAEGER. *Paideía*, p. 12; Rép. 377b, Leis 671e).

te em alçá-la às alturas do supra-sensível, adequá-la a essa ordem que tudo rege nomeada τὸ θεῖόν, à qual o próprio discurso que a exorta a fazê-lo se harmonizara, imantado-se de poder catártico.

1.4. Ação dialética sobre a polimorfia da alma

Articulando o tema da alma aos da medicina, retórica e dialética – convergentes ao conceito diretor, a φύσις, em torno do qual o conjunto (τὸ ὅλον - *Fedro* 269c) se organiza – Platão vai esboçando as várias forças que a constituem. Retoma a questão no livro X da *República* – se sua estrutura é simples ou polimórfica²¹ – conhecimento prévio fundamental ao bom dialético, em função do qual elaborará seus discursos, psicagógicos por vocação. Age como o médico, subtrai do corpo e de suas articulações (ἄρθρον) elementos a respeito das influências que cada coisa exerce sobre as outras e sobre o todo, afim de prescrever o φάρμακον apropriado com conhecimento de causa²²: na falta desse referencial, “um método são”, caminharia às cegas como os retóricos em sua ἐμπειρία, sem o recurso à verdadeira dialética (*Fedro* 269c). A força na condução das almas à verdade flui da clara instrução que se tem da natureza de cada espécie existente, e que faz com que o discurso lhes seja adequado: pela aplicação da regra da dissecação rigorosa, classifica-as em sua variedade qualitativa, estabelece a caracteriologia que embasará uma inovadora psicologia da individualidade.

Seguindo ao preceito da classificação eidética das almas, condição de toda paideia autêntica, o dialético as apreende, pois, como complexa diversi-

²¹ *Rep.* 612a: καὶ τότε ἂν τις ἴδοι αὐτῆς τὴν ἀληθῆ φύσιν, εἴτε πολυειδῆς εἴτε μονοειδῆς,...

²² O método hipocrático consiste na análise da natureza (διελέσθαι τὴν φύσιν), na enumeração dos tipos (αριθμησασθαι τὰ εἶδη) e na determinação do que é adequado a cada um (W. JAEGER, *op. cit.*, p. 966).

Dialética e Terapêutica no Fedro de Platão

dade de tipos. Analogamente à estrutura polimórfica do corpo – assim como neste, há partes também na alma²³ – ela constitui uma pluralidade. É composta de δύναμεις díspares e opostas – a razão (λογιστικόν), a parte apetitiva (ἐπιθυμητικόν), intermediadas pela faculdade da ação (τυμοειδής) – cada qual com desejos e prazeres próprios, ilustrados no *Fedro* pela imagem da paelha alada (253c-d)²⁴. O cocheiro, por amor à verdade, à convivência com as essências, mantém harmonia com o melhor dos cavalos – amante da opinião verdadeira (ἀληθινῆς δόξης ἑταῖρος) – seu aliado natural na contenda com o pior – cativo do apetite do sensível, amante do labirinto terreno, companheiro do desmedido (ὑβρεως ἑταῖρος) – para alçar à ciência perfeita, ardentemente desejada por ele. O λογιστικόν é também nomeado médico, exerce função reguladora sobre as outras partes, as quais, se deixadas sem controle, disseminariam doença na alma toda (*Rep.* 564b-c).

Os belos discursos (τοῦς λόγους εἶναι τοῦς καλοῦς) do dialético, enraizados na planura ultraterrena da Verdade são alantes, ultrapassam as cadeias dos significantes fugidios como as estátuas de Delos (*Men.* 97a), vinculam-se a seu solo próprio, amalgamando-se ao que é “noético”, perene e divino. Investidos do poder da “substância essencial”, eles funcionam como agentes catárticos na reinstauração da ordem entre potências da alma inclinadas ao desregramento (prazeres violentos e paixão desmedida por riqueza, fama e glória): exercem tarefa saneadora, erradicando a irreflexão, a soberba, a intemperança, para ordená-la (κόσμος) com harmonia. Tal como o médico verdadeiro – não perde de vista o conjunto da natureza (ο κόσμος), promove a κάθαρσις visando a saúde do ho-

²³ *Fedro* 271a: ψυχὴν ... κατὰ σώματος μορφεὲν πολυειδῆς.

²⁴ No *Teeteto*, Platão classifica as almas a partir das imagens da fertilidade e da esterilidade, em fecundas (150d-151a), abortadas (150e) e estéreis (151b).

mem todo – o dialético cura com palavras incantatórias (ἐποδαις τίσιν - *Cárm.* 159d): seguindo o ensino divino, “é ilícito curar os olhos sem curar a cabeça, nem esta sem o corpo, e nem este sem a alma, donde emana todo bem e todo mal”²⁵, ele atuará sobre o λογιστικόν para assegurar o triunfo do que é por natureza melhor (reflexão, beleza, moderação), sobre o pior (irreflexão, feiúra, intemperança), propiciando-lhe a mais alta virtude, a saúde, a qual, juntamente com a σωφροσύνη, “segue a ἀρετή como um cortejo a sua deusa”²⁶.

2. Passeios da Alma na instância divina

Belos discursos, como a palinódia proferida por Sócrates no *Fedro*, são os mais nutritivos ao princípio racional da alma e propiciam-lhe a kavqarsi²⁷?. Logo de início, dispusera-se o filósofo a percorrer distâncias – “qual rês faminta em busca de um fruto maduro” – atrás do manuscrito trazido por Fedro (230e). Durante o passeio nos arredores da cidade, um êxodo (ὄχος πορεύθῃσιναι - *id.* 247b), sob a luz ardente do meio-dia (μεσημβρία - *id.* 242a), apreende com clareza o discurso tão compulsivamente perseguido: baseado na opinião (δόξα) é alimento nocivo²⁸, “empanturra” a alma, incapacitando-a a recuperar asas e ascender ao mais alto ponto dos céus, onde ocorre o verdadeiro festim (*id.* 256e-257a).

²⁵ *Cárm.* 156d-157a. Boa parte das doenças escapa à arte dos médicos gregos porque desconhece o todo do qual é preciso cuidar, cujo bom funcionamento viabiliza o das partes (156e-157a).

²⁶ *Filebo* 63e. Na *República*, virtude, moderação e saúde constituem um complexo unitário (IV, 430e-431a, 444d-e). O dialético procede por inspiração de Apolo, deus da adivinhação e da medicina, que lava (ἀπολούων), desata (ἀπολυων), é veraz (τ’αληθής), sem dubiedade (ἀπλουιν) e opera através dos oráculos da Pítia, cuja boca exala a verdadeira purificação (*Crát.* 405b).

²⁷ *Rep.* 516d: τό λογιστικον ἐστίασας λόγον καλόν.

²⁸ 248b: Τροφή δοξαστή χρώνται. À opinião todos os homens participam, à inteligência (νοῦς) os deuses, e apenas um pequeno número deles (*Timeu* 51e).

Dialética e Terapêutica no Fedro de Platão

É a inteligência das realidades situadas na região exterior dos espaços supra-celestes (τό ἔξω τόπον - *id.* 247c), que faculta à alma o saber sem mistura²⁹, alimento verdadeiro. E, esses puros espetáculos aos quais somente podem conduzir, não sem esforço (ἡ πολλή σπουδή - *id.* 248b), os lovgoi dialéticos, revelam-se em sua resplandecente luminosidade (ἐν αὐγῇ - *id.* 250c), apenas ao que estiver purificado (κάθαροὲ ὄντες - *id.* 250c)³⁰, com o nou³¹ (de linhagem similar ao divino) bem nutrido pelo néctar e pela ambrosia dos banquetes celestes, em companhia destes que lhes são aparentados (*id.* 247e)³¹. Estando apta ao êxodo ascensional, a alma alcança o alto cume, e tudo o que antes era vislumbre fragmentário torna-se agora visão unificadora. Ο περίπατος do qual é Fedro inicialmente o guia (*id.* 234 c-e), transforma-se em περιαγωγή sob a condução de Sócrates: uma vez integrado ao cortejo de Zeus, seguindo suas evoluções ascendentes, é capaz de conduzir também o interlocutor para além dos limites do universo, à planície da Verdade (τό ἀλήθειας πεδῖον - *id.* 248b)³².

2.1. Vias possíveis

Passeios ἔξω τεῖχος, horizontais como os que aviara o médico ateniense Acoumeno, purificam e fortalecem o corpo. E para a alma, da qual o dialético é médico excelente, a receita é o caminhar metódico vertical, ἀκοπός à memória, favorável a reminiscência das coisas do alto (*Fedro* 249c), conduzindo τό ἔξω τόπον. Buscando a saúde corpórea Fedro passeia e, inadvertidamente, exercita

²⁹ *Fedro* 247d: νοῦ τε καί ἐπιστήμη ἀκίρατοι τρεφομένη.

³⁰ A terminologia utilizada é semelhante a das cerimônias de Elêusis. *Féd.* 66d: αὐτή τή ψυχή θεατέον ἀνά τά πράγματα (cf. 83 a-b).

³¹ Elas alimentam-se tal como os deuses olímpicos (v. Homero. *Iliada*, 5, 369). *Leis* 899d, *Crát.* 369b, *Rep.* 500 c-d, *Tim.* 90c.

³² A. PHILIP. *Recurrences thématiques et topologiques dans le "Phèdre" de Platon*, pp. 459-462.

(ἵνα μελέτοι- *id.* 228b), a ὑπόμνησις, prática reprovada pelo rei Tamuz por tornar a alma esquecida (*id.* 275e):rememora coisas de fora apenas, a partir de fontes estrangeiras (ἔξωθεν υπ' αλλότριον - *id.* 275a), os escritos alheios.

Animando-se a recitar de cor (ἀπόμνημονεύσειν - *id.* 275a) um discurso trivial que nada dissera de “são” (τό μηδέν ὑγιής λέγοντε - *id.* 243a), Fedro leva Sócrates a um pronunciamento que desperta seu δαίμων. Quando se preparam para deixar o santuário das Ninfas, o filósofo recebe o sinal divino³³ indicativo da natureza ímpia do discurso proferido: sob a influência de Lísias, ele mesmo compusera um, igualmente ofensivo a Eros, e de modo análogo, as idéias veiculadas não vem de seu próprio interior (*id.* 235c) e acarretam, também, α μνήμης αμελητεσία.

Sócrates faz um segundo pronunciamento, reparador, destinado a lavar com água doce a amarga salinidade da falta (ἐμαρτανέθην - *Fedro* 242e) cometida, a impiedade (ἀσέβεια - *id.* 242d). Dito sob inspiração divina, resulta em salutar exercício de memória (μνήμη) – a única e verdadeira existente (*id.* 275a) – reavivando na alma, “de dentro e por si mesma”³⁴, a realidade divina. É o que lhe permite ultrapassar o limiar do que é mortal e, numa agilidade ritmada, contemplar as belas e resplandecentes Idéias (*id.* 247b). Narrando um passeio na verticalidade transcendente, Sócrates faz Fedro rememorar-se do itinerário que conduz a alma à verdadeira saúde, o qual, em sua eterna permanência foi por ela percorrido, em tempos originários, na esteira das evoluções perfeitas executadas pelos deuses em seus carros alados (*id.* 247b): é constitu-

³³ *Fedro* 242c: τὸ δαιμόνιον τε καὶ τὸ εἶωθος σημεῖον. (cf. *Apologia* 31c, *Alcibiades* 103a, 105d, *Teet.* 151a, *Eut.* 272e.): a manifestação do δαίμων socrático o adverte da incorreção do ato pretendido.

³⁴ *Fedro* 250b: ἔνδοθεν αὐτους ὑφ' αὐτόν ἀναμιμνησκομένους.

ído de ascensão ao ápice da cúpula celeste, de contemplação e de descenso, cujos movimentos os diligentes discursos do dialético procuram imitar.

Contra a mitologia enganadora da má poesia, a qual a lei de Adrasto coloca em sexto lugar na ordem das nove principais ocupações escolhidas pela alma antes de encarnar, Platão defende a daquele que – tocado por entusiástica e divina inspiração, do real amante do belo (φιλοκαλός), devoto das Musas (μουσικός) – se exercita na mais alta das atividades humanas (*Fedro* 248d). Voluntariamente mitólogo para exprimir o inefável, diz G. Rodis-Lewis (1975, p. 15), ele zela contra fábulas ímpias sobre os deuses, para sempre amoldar seu dizer ao modelo (τύπους) fornecido pelo Bem, o que resulta numa teologia contemplativa do que é primordial, sob forma mítico-poética.

2.2 Práticas discursivas (conclusão)

As duas ordens de práticas discursivas ilustradas na conversação do *Fedro*, a de Lísias e a segunda de Sócrates, constituem o paradigma das duas vias possíveis à alma, simetricamente antitéticas, a prejudicial e a excelente. Embora exerçam especial fascínio sobre a alma, são incompatíveis em função da espécie de rememoração que cada uma propicia em sua trajetória particular.

Na narrativa em que o rei Tamuz interpela a Thot sobre a questão da utilidade da escritura, aponta-se a diferença entre o que funda uma arte, e o que está apto a apreciar o que esta arte contém de nocivo ou de útil para os que dela farão uso (*Fedro* 274e). Na qualidade de pai da escritura (πατήρ ὄν γραμμάτων), Thot atribuíra-lhe, inadvertidamente, o contrário (τοῦναντίον) de seus verdadeiros efeitos, inventando um remédio contra a memória e a sabedoria (μνήμης τε

γάρ καὶ σοφία εἰς φάρμακον εὐρέθη) pensando tratar-se de um saber que tornaria os egípcios mais instruídos e mais capazes de recordar³⁵; e Tamuz adverte aos que depositarem confiança em tal invenção: teriam suas almas adormecidas ao recordar as coisas do exterior, a partir de sinais estranhos – e não de dentro (οὐκ ἔνδοθεν) graças a esforço próprio – tomando a via nociva, aquela que conduz a um saber aparente e literal.

E Platão, na qualidade de pai dos discursos filosóficos escritos, segue a Tamuz ou Thot? Propicia com eles uma lembrança “de dentro”, graças a esforço próprio, ou oferece apenas um saber aparente? Constituem remédio para a recordação, proporcionando a seus leitores (os pósteros), um conhecimento falso ou algo verdadeiro (*id.* 275a-b)?

A escrita alfabética é usada na Academia como instrumento auxiliar do ensino oral, buscando reproduzir, tanto quanto possível, as árduas competições argumentativas realizadas ao vivo. O que se visa é aplicar fielmente à composição escrita, a oralidade dialética da maiêutica socrática, destinada a purificar a alma das falsas opiniões e prepará-la para conhecer a verdade. É a decisiva convicção de Platão, na possibilidade da reprodução quase perfeita do espírito do método socrático através do escrito em prosa (σύγγραμμα), que resultou no novo gênero de discurso ao qual se deu nome de filosofia³⁶.

³⁵ Fedro 274e: σοφωτέρους Αἴγυπτίους καὶ μνημονικωτέρους παρέξει.

³⁶ Diz E. A. HAVELOCK, que a história da filosofia grega dos primórdios consiste na busca de uma linguagem fundamental em que os sistemas de pensamento pudessem exprimir-se (*A revolução da escrita na Grécia*, pp.16-17). Para G. COLLI, ao contrário, o novo gênero literário ao qual Platão nomeou filosofia, carece do caráter vivo, concreto e ritualístico da contenda dialética, realizada frente a um público que a acompanha silenciosamente: a obra platônica, diz ele, carece da inflexão das vozes e dos olhares dos interlocutores, dos imprevistos que podem surgir num encontro verbal real (*El nacimiento de la filosofía*, p. 69).

Dialética e Terapêutica no Fedro de Platão

A cultura grega pode ser dividida em duas eras, a da poesia e a da razão, passagem da qual Platão é o agente, em fins do século V. Usando a escrita alfabética, determina a vitória definitiva da cultura do livro, promove a transformação radical do pensamento grego pelo estímulo à atividade crítica e à reflexão lógica. A partir de então, a cultura ocidental será fundada sobre a coisa escrita: não há ciência sem bibliografia. E, sem incorrer na rigidez das exposições dogmáticas, escolares, nem na falácia vazia dos discursos retóricos e sofisticos, Platão imprime aos Diálogos inovadora dinâmica metódica. Concatena as partes do discurso similarmente a um organismo vivo, reanima a escritura com os poderes de uma prosa ágil, que tem como garantia de sua veracidade (num formidável esforço de rememoração de dentro e por si mesmo) a luz das verdades ideais (E. A. HAVELOCK, 1994: pp. 16-17). Sabedor do alcance da retórica filosófica para estimular na memória seu poder de reter o passado, o mais antigo, o primeiro na ordem do tempo, comum a todos os homens (segundo o mito escatológico do *Fedro*), Platão conduz a alma à única via que deve ser percorrida, pois evoca o cimo do espetáculo do mundo em sua verdade inicial. O engajamento do leitor nesta via salutar, talvez faça dele um viajante na circular abóbada celeste, cujo caminhar tem profundas ressonâncias em sua alma: está continuamente produzindo ciência (ou reminiscência), aumentando seu saber da realidade (ἀληθεῖαν), tornando-a sempre mais instruída (πάντι σοφόν - *id.* 275a) a respeito de sua própria natureza.

Referências Bibliográficas

Documentação textual

PLATON. *Oeuvres complètes*. T I à XII. Éd. CUF. Paris: Les Belles Lettres, 1946-1956.

Textos modernos, estudos, artigos

BOYANCÉ, P. *Le Culte des Muses*. Paris: E. De Boccard, 1972.

COLLI, G. *El nacimiento de la filosofía*. Barcelona: Tusquets, 1977.

DIÈS, A. *Autour de Platon*. Paris: Beauchesne, 1927.

DODDS, E.R. *Les grecs et l'irrationnel*. Paris: Aubier, 1965. (Trad. port.: Lisboa: Gradiva, 1988).

ENTRALGO, P.L. *La curación por la palabra en la antigüedad clásica*. Barcelona: Anthropos, 1987.

FESTUGIÈRE, A.J. *Contemplation et vie contemplative selon Platon*. Paris: Vrin, 1975.

GOLDSCHMIDT, V. *A religião de Platão*, São Paulo: Difel, 1963.

HAVELOCK, E. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

HEGEL, G.W.F. *Leçons sur l'histoire de la philosophie*. Tome 3. Paris: Vrin, 1972.

JAEGER, W. *La teologia de los primeros filosofos griegos*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1977.

JAGU, A. Souillure et Pureté dans la pensée grecque. In: *Souillure et Pureté*. Toulouse: E. Privat, 1972.

KITTO, H. D. F. *Os gregos*. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1980.

PACCI, E. La dialética en Platón. In: *La evolution de la dialética*. Barcelona: Martinez Roca, 1971.

Dialética e Terapêutica no Fedro de Platão

PHILIP, A. Recurrences thématiques et topologiques dans le “Phèdre” de Platon.

Revue de Métaphysique et de Morale, s/c; s/e; s/d.

RODIS-LEWIS, G. L’articulation des thèmes du Phèdre. *Revue Philosophique*,

n° 1, 1975.

SCHUHL, P. M. Essai sur la formation de la pensée grecque. Paris: PUF, 1949.

SCHÜLER, D. Eros: Dialética e Retórica. São Paulo: Edusp, 1992.